



# Automobilistas fintam obstáculos e aprendem a saltar rotundas no Cais do Sodré

**Carlos Filipe**

Interrupção na Avenida de Brasília faz parte do plano viário para a Baixa, mas está a ser mal acolhida. Veículos prioritários também não têm solução alternativa

● Há os que hesitam face à surpresa, outros têm pruridos e cumprem, mas são muitos os automobilistas que ignoram a sinalização e saltam as duas rotundas criadas na Avenida Brasília, junto ao Cais do Sodré, Lisboa. Servia como alternativa às avenidas 24 de Julho e da Índia para quem pretendia chegar a Algés com acesso pelo viaduto fronteiro à Torre de Belém. Mas a Câmara de Lisboa cortou a via, por gerar conflitos com os peões que fazem a ligação entre as estações fluvial, de metro e comboio. Ninguém aplaude a medida, que chegou como uma surpresa.

A alteração tem efeito desde o dia 3 deste mês, mas só foi anunciada pela câmara no dia 11. Localizadas pouco depois da estação fluvial do Cais do Sodré, que culmina com o embarque no *ferry-boat*, as rotundas inserem-se no plano de reformulação do Cais do Sodré, aprovado pela autarquia e proposto pela Frente Tejo, que será extinta e cujos projectos estão a ser reavaliados pelo Governo.

Viaturas particulares, de serviços e de abastecimento da restauração naquela avenida, e táxis, todos se serviam daquela via para acederem, no mínimo, até à zona marítima de Alcântara, às docas ou aos cruzeiros que ali acostam, para quem o acesso pelos viadutos da Infante Santo e de Alcântara implicariam percursos longos e inversões de marcha complicadas.

O plano camarário pretende que a

reabilitação da Praça Roque Gameiro (a placa sul do Cais do Sodré) tenha por finalidade serviço exclusivo de transportes públicos (autocarros e táxis). Se o acesso à Avenida Brasília é permitido, apenas um sinal - estrada sem saída - anuncia, a dezenas de metros, a alteração junto ao parque de estacionamento (Santos/rio) explorado pela Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa, que não consta ainda do *site* da Emel.

“Trata-se de uma portagem urbana, vergonhosa e que cheira a esquema”, diz Nuno Trindade, utilizador da ciclovia junto ao rio. A situação levou-o a filmar um episódio que diz ser bizarro, e a partilhá-lo no Internet: “Há quem opte por recolher bilhete de entrada no parque, dirigindo-se de imediato à saída, poucos metros adiante, pagando a tarifa mínima [0,40 euros], e prosseguindo viagem”, disse ao PÚBLICO.

Dois taxistas estacionados na praça

do Cais do Sodré não têm dúvidas. “Há muito que não via uma idiotice tão grande. Prejudica quem trabalha”, critica Carlos Caldeira. “Imagino o tempo que gastaram a pensar naquela obra, e em como prejudicar mais o trânsito”, acrescenta Luís Inácio.

O PÚBLICO presenciou ontem um caso idêntico, e outros em que o automobilista não se detém e ultrapassa os obstáculos criados pelas rotundas, subindo os passeios. Se uns são apanhados de surpresa pelo bloqueio e se conformam, outros incorrem em infração. Veículos prioritários e de emergência também não terão solução alternativa.

Questionado o vereador da mobilidade, Nunes da Silva, quanto ao impacto na Avenida 24 de Julho em horas de maior afluxo, o autarca disse que “não constituirá problema, dado que, depois das alterações no Terreiro do Paço, o fluxo de automóveis proveniente dessa praça diminuiu cerca de 50%”.



**Sem autoridade à vista, poucos se detêm diante dos obstáculos**